

ANÁLISE LINGUÍSTICA DA LIBRAS: GRAMÁTICA, DISCURSO, MULTIMODALIDADE E PRÁTICAS COMUNICATIVAS

LINGUISTIC ANALYSIS OF LIBRAS: GRAMMAR, DISCOURSE, MULTIMODALITY AND COMMUNICATIVE PRACTICES

Carlos Roberto Martins

Universidade La Salle, Brasil
Mestre em Cultura Educação

Maria Rita Alexandre Alcanfor

Universidade Federal de Alagoas, Brasil
Graduanda em Letras-Libras

Magno Prado Gama Prates

Universidade Federal de Alagoas, Brasil
Docente e Pesquisador

Christiane Carpinteiro Lamarão

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Professora Assistente

Murilo Rocha Nunes

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil
Graduado em Letras/Libras

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i6.690>

Acceto em: 14.06.2026

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a análise linguística da Língua Brasileira de Sinais (Libras), considerando sua organização gramatical, discursiva, multimodal e comunicativa. Parte-se do entendimento de que a Libras constitui uma língua natural de modalidade visuoespacial, estruturada por parâmetros fonológicos, processos morfológicos, recursos semânticos, marcações não manuais e estratégias enunciativo-discursivas próprias. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, fundamentada em estudos da Linguística da Libras, da análise do discurso, da multimodalidade e das práticas comunicativas das comunidades surdas. O texto evidencia que a gramática da Libras não se limita à produção manual dos sinais, pois envolve expressões faciais, movimentos corporais, direção do olhar, espacialização de referentes e mecanismos de intensificação. Discute-se também a morfologia da língua, destacando processos de formação, modificação, composição, incorporação e criação lexical. No campo discursivo, ressalta-se a verbo-visualidade como dimensão constitutiva dos enunciados em Libras, especialmente em gêneros acadêmicos, educacionais, digitais e audiovisuais. A multimodalidade é compreendida como elemento essencial para a circulação da Libras em dicionários, vídeos, janelas de interpretação, materiais didáticos e ambientes virtuais. Conclui-se que a Libras deve ser analisada como sistema linguístico complexo, dinâmico e socialmente situado, cuja estrutura articula corpo, espaço, movimento, imagem e interação. O estudo contribui para o reconhecimento científico da Libras e para



o fortalecimento de práticas educacionais bilíngues, acessíveis e linguisticamente plurais no ensino, pesquisa e comunicação social, valorizando a identidade surda, a acessibilidade linguística e a produção de conhecimentos acadêmicos em Libras como direito cultural, educacional e político das comunidades surdas brasileiras contemporâneas em diferentes contextos sociais.

Palavras-chave: Libras. Análise linguística. Gramática. Discurso. Multimodalidade.

Abstract: This article aims to discuss the linguistic analysis of Brazilian Sign Language (Libras), considering its grammatical, discursive, multimodal and communicative organization. It is based on the understanding that Libras is a natural language of visuospatial modality, structured by phonological parameters, morphological processes, semantic resources, non-manual markers and enunciative-discursive strategies. The study is bibliographic in nature and is grounded in research on Libras Linguistics, discourse analysis, multimodality and the communicative practices of deaf communities. The text shows that the grammar of Libras is not limited to the manual production of signs, since it involves facial expressions, body movements, gaze direction, spatialization of referents and mechanisms of intensification. The morphology of the language is also discussed, emphasizing processes of formation, modification, composition, incorporation and lexical creation. In the discursive field, verbal-visibility is highlighted as a constitutive dimension of utterances in Libras, especially in academic, educational, digital and audiovisual genres. Multimodality is understood as an essential element for the circulation of Libras in dictionaries, videos, interpreting windows, teaching materials and virtual environments. It is concluded that Libras must be analyzed as a complex, dynamic and socially situated linguistic system, whose structure articulates body, space, movement, image and interaction. The study contributes to the scientific recognition of Libras and to the strengthening of bilingual, accessible and linguistically plural educational practices in teaching, research and social communication, valuing deaf identity, linguistic accessibility and the production of academic knowledge in Libras as a cultural, educational and political right of Brazilian deaf communities in different social contexts.

Keywords: Libras. Linguistic analysis. Grammar. Discourse. Multimodality.

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais — Libras — constitui um sistema linguístico de modalidade visuoespacial, historicamente produzido pelas comunidades surdas brasileiras e estruturado por mecanismos gramaticais, discursivos, semânticos, pragmáticos e multimodais próprios. Sua análise exige uma compreensão que ultrapasse a visão restrita do sinal como simples gesto ou tradução visual de palavras da língua portuguesa, pois a Libras possui organização interna complexa, funcionamento morfológico específico, processos de referência próprios, recursos verbo-visuais de produção de sentidos e práticas comunicativas que se realizam por meio do corpo, do espaço, do olhar, do movimento e da interação social.

Ao se tratar da análise linguística da Libras, torna-se necessário reconhecer que as línguas de sinais desafiam modelos tradicionais de descrição linguística centrados exclusivamente na oralidade e na linearidade sonora. Diferentemente das línguas orais-auditivas, cuja materialidade

se organiza predominantemente pela sequência fônica no tempo, a Libras mobiliza simultaneamente mãos, face, corpo, direção do olhar, localização espacial, ritmo, movimento e expressões não manuais. Essa especificidade faz com que sua gramática seja construída em uma dimensão visuoespacial, na qual a simultaneidade ocupa papel fundamental na formação dos enunciados.

Nesse sentido, a análise da Libras não pode ser reduzida à correspondência entre sinais e palavras do português. A Libras deve ser compreendida como língua natural, dotada de parâmetros fonológicos, processos morfológicos, relações sintático-semânticas, mecanismos discursivos e práticas sociais de uso. Felipe (2006, p. 200) observa que os parâmetros da Libras — configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação, movimento, localização, expressões faciais e corporais — podem atuar como morfemas, compondo sistemas complexos de desinências e processos de flexão verbal. Essa perspectiva permite compreender que a gramática da Libras se realiza em uma articulação entre elementos manuais e não manuais, de modo que o corpo do sinalizante funciona como espaço de produção linguística.

A compreensão da Libras como sistema gramatical visual também se apoia na necessidade de ampliar o próprio conceito de linguagem. Conforme Rudge (2018, p. 17 *apud* Cinti; Rodrigues-Pereira, 2021/2022, p. 2), a modalidade visual-espacial ainda constitui “uma vasta área de estudo linguístico” pouco explorada, o que evidencia a necessidade de aprofundamento das pesquisas sobre línguas sinalizadas. Essa afirmação é relevante porque demonstra que, durante muito tempo, os estudos linguísticos privilegiaram as línguas orais, deixando em segundo plano sistemas linguísticos cuja organização se dá por meio da visualidade e da corporeidade.

A Libras, enquanto língua visuoespacial, apresenta uma gramática que não se limita ao movimento das mãos. As expressões faciais, os movimentos de cabeça, a postura corporal, a orientação do tronco e a direção do olhar assumem funções gramaticais, discursivas e pragmáticas. As marcações não manuais, por exemplo, podem indicar perguntas, negação, intensidade, topicalização, condição, foco, aspecto, modalidade e atitude do enunciador. Felipe (2013, p. 67) destaca que as marcas não manuais não devem ser compreendidas apenas como expressões afetivas ou complementos paralinguísticos, pois fazem parte da arquitetura fonológica, morfológica, sintático-semântica e discursiva da Libras. Tal compreensão desloca a análise da língua para uma abordagem integrada, na qual corpo e linguagem são indissociáveis.

A análise gramatical da Libras deve, portanto, considerar que os sinais se organizam por parâmetros formais capazes de produzir distinções linguísticas. A configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação da palma e as marcações não manuais constituem unidades relevantes para a formação dos sinais. Xavier e Neves (2016, p. 130) afirmam que o componente morfológico da Libras ainda foi pouco explorado pelas pesquisas linguísticas, especialmente no que se refere aos processos que geram diferentes formas de uma mesma palavra e aos processos de criação de novos sinais. Essa observação indica que a análise linguística da

Libras ainda demanda investigações descritivas e teóricas mais amplas, sobretudo no campo da morfologia.

No plano morfológico, a Libras apresenta processos de modificação de sinais, composição, incorporação, formação lexical, redução vocabular e criação terminológica. Tais processos revelam que a língua se transforma e se expande conforme as necessidades comunicativas de seus usuários. Felipe (2006, p. 200) defende que a Libras pode ser caracterizada como língua flexional, embora apresente também traços de língua aglutinante, perceptíveis nos processos de composição e incorporação. Essa afirmação demonstra que a Libras possui recursos internos de formação e transformação lexical, distanciando-se da concepção equivocada de que dependeria exclusivamente do português para produzir novos sentidos.

A criação lexical em Libras evidencia a vitalidade da língua e sua capacidade de responder às demandas sociais, educacionais, culturais, científicas e tecnológicas. Alves e Rodero-Takahira (2021, p. 1) analisam a redução vocabular como processo de criação lexical e demonstram que compostos em Libras podem sofrer encurtamento por meio de corte morfológico, fenômeno relacionado à economia linguística. Essa discussão mostra que a Libras, como qualquer língua natural, passa por processos de inovação, simplificação, variação e reorganização formal, sem perder sua autonomia estrutural.

Além da gramática, a análise linguística da Libras deve contemplar o discurso. A língua se realiza em situações concretas de interação, nas quais os sujeitos produzem sentidos a partir de gêneros discursivos, contextos sociais, relações interlocutivas e finalidades comunicativas. A perspectiva bakhtiniana contribui para compreender que os enunciados não são unidades abstratas, mas acontecimentos sociais atravessados por vozes, valores e relações dialógicas. Bakhtin (2003 *apud* Nascimento, 2017, p. 461) permite pensar os gêneros do discurso como formas relativamente estáveis de enunciados, constituídas nas diferentes esferas da atividade humana.

No caso da Libras, os gêneros discursivos assumem configurações específicas em razão da modalidade visuoespacial da língua. Uma narrativa em Libras, uma aula acadêmica, uma interpretação teatral, uma janela de Libras em vídeo, um dicionário bilíngue, uma vídeo-aula ou uma conversa cotidiana mobilizam recursos visuais, espaciais e corporais distintos. Nascimento (2017, p. 461) argumenta que a inserção da janela de Libras em produções audiovisuais precisa considerar as especificidades dos gêneros do discurso mobilizados pela tradução, não se restringindo aos parâmetros técnicos de captação da imagem do tradutor. Essa observação é fundamental porque mostra que a acessibilidade linguística em Libras depende também da compreensão discursiva do material fonte.

A Libras, nesse contexto, deve ser analisada como prática verbo-visual. Felipe (2013, p. 67) propõe que os enunciados em Libras sejam compreendidos como enunciados verbo-visuais, nos quais valores plástico-picturais e espaciais dos signos se manifestam também por meio das marcas não manuais. Essa concepção permite compreender que o sentido não se encontra

apenas no sinal lexical isolado, mas na composição visual do enunciado, no uso do espaço, na expressividade corporal, na organização dos referentes e na relação entre os interlocutores.

A noção de discurso verbo-visual é particularmente relevante para a análise da Libras porque a língua integra, em sua própria materialidade, elementos que nas línguas orais costumam aparecer separados entre verbalidade e visualidade. Na Libras, a visualidade não é adorno do discurso; ela é a própria condição de existência da língua. O movimento das mãos, a expressão facial, a direção do olhar e a ocupação do espaço constituem elementos gramaticais e discursivos. Desse modo, estudar a Libras implica considerar a dimensão visual como parte da estrutura linguística e não como elemento externo à língua.

A referenciação é outro eixo essencial na análise linguística da Libras. Reis e Bidarra (2019, p. 212) afirmam que o processo de referenciação nas línguas depende de fatores cognitivos, linguísticos e discursivos, sendo fundamental para a progressão textual, para a constituição dos sentidos e para os propósitos comunicativos dos interlocutores. Em línguas visuoespaciais, como a Libras, a referenciação apresenta especificidades relacionadas ao uso do espaço, do apontamento, da localização e da retomada anafórica. Assim, o espaço de sinalização atua como campo de organização discursiva.

Na Libras, os referentes podem ser introduzidos, posicionados, retomados e reconstruídos no espaço à frente do corpo do sinalizante. O apontamento, nesse caso, não exerce apenas função dêitica imediata, mas também pode funcionar como mecanismo anafórico. Ferreira Brito (2010, p. 116 *apud* Reis; Bidarra, 2019, p. 216) afirma que os dêiticos são usados frequentemente em Libras para referir e correferir, abrangendo termos tradicionalmente compreendidos como anáfora e catáfora. Essa formulação é importante porque evidencia que, na Libras, dêixis e anáfora frequentemente se articulam de modo simultâneo, formando cadeias referenciais próprias da modalidade visuoespacial.

Schlenker (2016, p. 7 *apud* Reis; Bidarra, 2019, p. 216) também observa que, nas línguas visuoespaciais, o espaço e o apontamento constituem componentes efetivos da anáfora, especialmente quando se trata de anáfora pronominal. Essa perspectiva permite compreender que a referenciação em Libras não depende apenas de elementos lexicais, mas também da construção espacial dos referentes. O antecedente pode estabelecer um local no espaço, posteriormente retomado por apontamento, olhar ou direção corporal. Assim, a coesão discursiva em Libras se realiza por mecanismos visuais e espaciais específicos.

A análise da Libras também deve considerar os classificadores, estruturas fundamentais na organização visual da informação. Os classificadores permitem representar entidades, formas, tamanhos, posições, trajetórias e movimentos, articulando configuração de mão, localização e deslocamento no espaço. Silva (2023, p. 5) destaca que os classificadores semânticos em Libras são recursos específicos da língua, utilizados para indicar características de objetos em lugares determinados. Essa dimensão mostra que a Libras não apenas nomeia entidades, mas também as representa visualmente, construindo cenas linguísticas por meio do espaço token.

A noção de espaço token é relevante porque indica o espaço de sinalização no qual os referentes são organizados discursivamente. Silva (2023, p. 14-15) demonstra que, na produção de classificadores semânticos, os elementos precisam ser distribuídos em locais distintos para evitar o amontoamento visual e garantir clareza comunicativa. Essa organização reforça que a Libras possui uma sintaxe espacial e uma semântica visual, nas quais a localização dos sinais participa da construção do sentido.

A multimodalidade constitui outro aspecto indispensável para a análise linguística da Libras. Cinti e Rodrigues-Pereira (2021/2022, p. 2) definem a multimodalidade como integração de recursos semióticos dispostos de diferentes formas dentro de um texto. Essa definição é especialmente pertinente para a Libras, pois a língua se realiza por meio de múltiplos modos visuais e corporais. Em dicionários, vídeos, materiais didáticos, plataformas digitais e produções acadêmicas, a Libras articula imagem, movimento, escrita, sinalização, legenda, enquadramento e composição visual.

A multimodalidade, nesse caso, não deve ser entendida como simples soma de elementos visuais. Ela corresponde à interação entre diferentes sistemas semióticos na produção de sentidos. Cinti e Rodrigues-Pereira (2021/2022, p. 15), ao discutirem os estudos multimodais, indicam que não basta identificar os modos presentes em um texto; é necessário compreender como os significados são construídos quando esses sistemas de signos interagem entre si. Tal perspectiva é fundamental para analisar práticas comunicativas em Libras, pois o sentido emerge da relação entre sinalização, imagem, corpo, espaço e suporte de circulação.

Nos dicionários de Libras, por exemplo, a multimodalidade permite organizar informações lexicográficas por meio de imagens, descrições verbais, ilustrações, setas de movimento, vídeos e, em alguns casos, sistemas de escrita de sinais. Cinti e Rodrigues-Pereira (2021/2022, p. 17) observam que parâmetros como configuração de mão, movimento, expressões faciais e corporais, orientação da mão e ponto de articulação podem ser descritos verbalmente ou apresentados por recursos multimodais. Essa constatação demonstra que a descrição da Libras exige metodologias adequadas à sua natureza visual.

A produção de vídeos em Libras também amplia o campo da análise linguística. Rosado e Taveira (2019, p. 355) afirmam que, com a circulação de vídeos pela internet, as pessoas surdas conquistaram um novo espaço de expressão cultural, formando acervos digitais que constituem uma memória surda em línguas de sinais. Essa observação mostra que a Libras, na contemporaneidade, circula intensamente em ambientes digitais, assumindo novas formas de registro, ensino, divulgação científica e participação social.

Rosado e Taveira (2019, p. 362) propõem uma gramática visual para vídeos digitais em línguas de sinais, identificando elementos como ator/intérprete sinalizante, ator/intérprete oral, massa textual, imagem, legenda, cenário e vídeo menor sobre vídeo principal. Essa proposta evidencia que a análise de produções em Libras precisa considerar a composição visual do vídeo, o enquadramento, a distribuição dos elementos na tela e a relação entre sinalização e demais

recursos semióticos. Assim, a gramática visual se articula à gramática linguística da Libras, formando uma abordagem mais ampla da comunicação sinalizada.

As práticas comunicativas em Libras, portanto, não se limitam ao encontro presencial entre sinalizantes. Elas se expandem para contextos acadêmicos, escolares, jurídicos, midiáticos, culturais, religiosos, digitais e institucionais. Em cada esfera, a Libras assume gêneros, estilos e formas de circulação específicos. A análise linguística deve considerar essa diversidade, pois a língua é atravessada por variação, usos sociais, tecnologias, repertórios culturais e práticas discursivas próprias das comunidades surdas.

A variação linguística também deve ser incorporada à análise da Libras. Valentim, Dizeu e Costa (2020, p. 5) destacam que são poucos os trabalhos que abordam a variação fonológica no parâmetro das marcações não manuais, especialmente em relação às comunidades de prática. Essa lacuna mostra que ainda há necessidade de ampliar pesquisas sociolinguísticas sobre a Libras, considerando fatores como região, escolaridade, idade, profissão, pertencimento comunitário e trajetórias de aquisição linguística.

A noção de comunidade de prática é relevante porque permite compreender como determinados grupos compartilham repertórios linguísticos, rotinas discursivas, comportamentos e formas de pertencimento. Gonçalves (2013, p. 111 *apud* Valentim; Dizeu; Costa, 2020, p. 7) define comunidade de prática como grupo cujos participantes se envolvem em atividades comuns suficientemente intensas para criar práticas sociais compartilhadas. Aplicada à Libras, essa noção permite analisar como diferentes comunidades surdas produzem variações nos sinais, nas marcações não manuais e nas formas de interação.

O estudo da intensidade em Libras também contribui para compreender a complexidade semântica da língua. Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020, p. 313) observam que a expressão de intensidade nas línguas naturais pode ocorrer por diferentes mecanismos gramaticais. Na Libras, essa intensidade pode ser marcada por duplicação de mãos, alteração de movimento, velocidade, duração e marcações não manuais. Os autores demonstram que formas intensificadas podem expressar ênfase, esforço, confirmação e completude, indicando que a gramática da Libras atua de forma integrada à semântica e à pragmática.

Essa discussão é importante porque mostra que os recursos formais da Libras não são apenas articulatórios, mas também semânticos. A duplicação de mãos, por exemplo, pode alterar a interpretação de um verbo, conferindo-lhe maior intensidade, completude ou força discursiva. Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020, p. 322) observam que, em determinados casos, a duração do movimento e as marcações não manuais não são opcionais, pois sua ausência compromete a adequação da sentença. Assim, a análise linguística da Libras precisa considerar a articulação entre forma, significado e uso.

A partir dessas considerações, torna-se possível afirmar que a análise linguística da Libras demanda uma abordagem interdisciplinar. A gramática revela a organização interna da língua; o discurso evidencia sua dimensão social e enunciativa; a multimodalidade mostra a interação

entre diferentes sistemas semióticos; e as práticas comunicativas demonstram como a Libras circula em contextos reais de uso. Esses quatro eixos não devem ser analisados separadamente, pois se articulam na constituição da língua como fenômeno social, cultural e cognitivo.

Desse modo, a investigação sobre “Análise linguística da Libras: gramática, discurso, multimodalidade e práticas comunicativas” justifica-se pela necessidade de compreender a Libras em sua complexidade estrutural e funcional. O tema é relevante para a Linguística, para a Educação de Surdos, para os Estudos da Tradução e Interpretação, para a Lexicografia, para a Análise do Discurso e para os Estudos da Multimodalidade. Também contribui para o fortalecimento da Libras como língua de ensino, pesquisa, produção acadêmica, acessibilidade e cidadania linguística.

A análise da Libras, portanto, não deve partir de modelos deficitários ou comparações subordinadas à língua portuguesa. Ao contrário, deve reconhecer a Libras como língua legítima, autônoma e estruturalmente complexa, cujas formas de significação se realizam pela articulação entre corpo, espaço, imagem, movimento e interação. Essa perspectiva permite superar visões reducionistas e afirmar a centralidade da Libras na constituição das identidades surdas, das práticas educacionais bilíngues e das políticas de acessibilidade linguística.

Portanto, discutir a Libras sob a perspectiva da gramática, do discurso, da multimodalidade e das práticas comunicativas significa reconhecer que a língua se organiza em múltiplas camadas de sentido. Ela é sistema gramatical, prática social, produção verbo-visual, instrumento de mediação cultural e forma de existência política das comunidades surdas. Nesse horizonte, a análise linguística da Libras contribui não apenas para a descrição científica da língua, mas também para a valorização dos sujeitos surdos e para a consolidação de uma sociedade linguisticamente mais acessível, plural e democrática.

Referencial teórico

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui uma língua natural de modalidade visuoespacial utilizada pelas comunidades surdas brasileiras. Seu reconhecimento legal por meio da Lei nº 10.436/2002 e sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626/2005 consolidaram o entendimento de que a Libras possui estrutura linguística própria, independente da língua portuguesa, apresentando níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos. A partir desse reconhecimento, ampliaram-se os estudos linguísticos voltados à descrição e análise dos mecanismos internos da língua, evidenciando sua complexidade estrutural e funcional.

As pesquisas em linguística das línguas de sinais demonstram que a modalidade visuoespacial não constitui mera adaptação visual das línguas orais, mas representa uma forma distinta de organização da linguagem humana. Nessa modalidade, o canal de recepção é predominantemente visual, enquanto o canal de produção envolve mãos, expressões faciais, movimentos corporais, direção do olhar e uso do espaço. Dessa forma, os processos linguísticos

são construídos por meio de relações espaciais e simultâneas que diferem da linearidade característica das línguas orais-auditivas.

Segundo Felipe (2006), a Libras apresenta parâmetros específicos que funcionam como unidades linguísticas fundamentais. Esses parâmetros incluem configuração de mão, movimento, localização, orientação da palma e expressões não manuais. A interação desses elementos permite a constituição dos sinais e a organização dos enunciados.

Nesse contexto, Quadros e Karnopp (2004 *apud* Xavier; Neves, 2016) argumentam que as línguas de sinais possuem sistemas gramaticais tão complexos quanto os das línguas orais, diferindo apenas na modalidade linguística utilizada. Tal perspectiva rompe definitivamente com concepções reducionistas que compreendiam os sinais como simples gestos ou mímicas.

A relevância das expressões não manuais na organização da Libras é amplamente discutida por Felipe (2013). Para a autora, essas expressões não desempenham apenas funções afetivas ou complementares, mas integram a estrutura linguística da língua.

Está sendo ressaltada a diferença entre as expressões afetivas, comunicações paralinguísticas complementares em um enunciado, e as marcas verbo-visuais gramaticais, que são linguísticas por fazerem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo em uma determinada língua (Felipe, 2013, p. 67).

Essa observação evidencia que a análise gramatical da Libras exige a consideração simultânea de componentes manuais e não manuais. As expressões faciais, movimentos de cabeça, postura corporal e direção do olhar não atuam apenas como elementos acessórios, mas como constituintes linguísticos capazes de modificar sentidos e desempenhar funções sintáticas e discursivas.

A dimensão visuoespacial da Libras também se manifesta na organização do discurso. Os referentes podem ser estabelecidos em pontos específicos do espaço de sinalização e posteriormente retomados por apontamentos, classificadores ou direcionamentos corporais. Reis e Bidarra (2019) observam que os processos de referenciação em Libras apresentam especificidades decorrentes da modalidade visual, envolvendo relações entre anáfora, dêixis e espacialização.

Ferreira-Brito (1995 *apud* Reis; Bidarra, 2019) destaca que os apontamentos utilizados em Libras não possuem apenas função demonstrativa imediata, mas também podem desempenhar papel anafórico e correferencial. Dessa forma, o espaço torna-se componente gramatical da língua, funcionando como mecanismo de organização textual e discursiva.

A organização espacial também se relaciona aos classificadores, estruturas amplamente utilizadas para representar formas, movimentos, posições e trajetórias. Silva (2023) ressalta que os classificadores constituem mecanismos fundamentais para a descrição de entidades e eventos, permitindo que a língua represente visualmente aspectos semânticos complexos.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é oriunda da comunidade surda do Brasil e,

como toda língua, sua produção envolve diversos aspectos lexicais, gramaticais, discursivos e sociolinguísticos que contribuem para a clareza da comunicação. Para a pessoa surda, independentemente da idade em que houve exposição à Libras, ela tem sido considerada sua L1, dada a facilidade de acesso ao input (Silva, 2023, p. 3).

A Libras deve ser compreendida não apenas como instrumento comunicativo, mas como sistema linguístico estruturado, capaz de produzir significados complexos por meio da articulação entre gramática, discurso e espaço.

A análise linguística contemporânea também tem enfatizado a relação entre Libras e multimodalidade. Cinti e Rodrigues-Pereira (2021/2022) afirmam que os textos produzidos em Libras frequentemente articulam diferentes recursos semióticos, incluindo imagens, vídeos, descrições visuais e elementos gráficos. Tal característica amplia a compreensão da língua enquanto fenômeno multimodal.

Sob essa perspectiva, Kress e Van Leeuwen (2001 *apud* Cinti; Rodrigues-Pereira, 2021) argumentam que a construção de significados ocorre por meio da interação entre diferentes modos semióticos. No caso da Libras, essa interação é particularmente evidente em materiais didáticos, dicionários, vídeos acadêmicos e produções culturais das comunidades surdas.

A morfologia constitui uma das áreas fundamentais para a compreensão da estrutura interna da Libras. Esse campo investiga os processos responsáveis pela formação, modificação e criação dos sinais, permitindo compreender como a língua organiza seus elementos lexicais e gramaticais.

Durante muitos anos, os estudos sobre a morfologia das línguas de sinais permaneceram limitados em comparação às pesquisas realizadas sobre línguas orais. Entretanto, investigações recentes têm demonstrado que a Libras possui mecanismos morfológicos altamente produtivos, envolvendo flexão, derivação, composição, incorporação, reduplicação e criação lexical.

Felipe (2006) argumenta que determinados parâmetros da Libras podem funcionar como morfemas, possibilitando a formação de estruturas complexas e a expressão de relações gramaticais.

Os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação, movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal (Felipe, 2006, p. 200).

A autora defende que a Libras apresenta características de língua flexional e aglutinante, uma vez que permite a incorporação de informações gramaticais diretamente na estrutura do sinal. Essa incorporação pode envolver numerais, localização espacial, pessoa do discurso e intensidade.

Xavier e Neves (2016) observam que a morfologia da Libras envolve dois grandes processos: a modificação de sinais existentes e a criação de novos sinais. A modificação ocorre quando alterações em parâmetros específicos acrescentam informações gramaticais sem gerar um novo item lexical. Já a criação lexical produz novos sinais por meio da combinação ou transformação de elementos já existentes.

Observa-se nessas línguas a ocorrência de processos através dos quais certos sinais sofrem alteração para veicular significados tipicamente gramaticais (quantidade, negação, pessoa do discurso, intensidade etc.), bem como outros através dos quais novos sinais são criados (Xavier; Neves, 2016, p. 131).

Esses mecanismos demonstram que a Libras possui recursos próprios para expandir seu léxico e adaptar-se às necessidades comunicativas de seus usuários. A criação de sinais para conceitos científicos, tecnológicos e acadêmicos constitui exemplo desse dinamismo linguístico.

A expansão lexical da Libras também pode ocorrer por meio da redução vocabular. Alves e Rodero-Takahira (2021) analisam esse fenômeno como processo de criação lexical associado à economia linguística. Segundo os autores, determinados sinais compostos sofrem encurtamentos ao longo do uso, preservando seus significados essenciais e tornando-se formas lexicalizadas.

De acordo com Alves (1990 *apud* Alves; Rodero-Takahira, 2021), processos de redução e truncamento não devem ser considerados fenômenos periféricos, mas mecanismos legítimos de expansão lexical presentes em diversas línguas naturais. Na Libras, esses processos evidenciam a vitalidade do sistema linguístico e sua capacidade de adaptação.

Outro aspecto importante refere-se à intensidade semântica. Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020) demonstram que alterações na configuração de mãos, na duração do movimento e nas expressões não manuais podem produzir diferentes graus de intensidade.

Os autores observam que formas intensificadas frequentemente expressam confirmação, completude, esforço ou ênfase. Assim, a morfologia da Libras articula-se diretamente à semântica, revelando que mudanças formais produzem alterações interpretativas relevantes.

A análise morfológica também envolve os classificadores. Esses elementos constituem recursos altamente produtivos nas línguas de sinais, permitindo representar visualmente características físicas, espaciais e funcionais dos referentes. Segundo Silva (2023), os classificadores desempenham papel central na representação de forma, tamanho, movimento e localização dos objetos, contribuindo para a riqueza descritiva da Libras.

Além disso, a criação lexical em Libras está intimamente relacionada às demandas sociais e culturais da comunidade surda. O surgimento de novos conceitos científicos, tecnológicos e acadêmicos exige constante ampliação do léxico, levando à criação de novos sinais e ao desenvolvimento de terminologias especializadas.

Dessa forma, a morfologia da Libras evidencia que a língua possui mecanismos próprios de formação e transformação lexical. Tais mecanismos demonstram não apenas a complexidade

estrutural da língua, mas também sua capacidade de responder às mudanças históricas, sociais e culturais que caracterizam as comunidades surdas contemporâneas.

As marcações não manuais constituem um dos elementos mais relevantes para a compreensão da estrutura linguística da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Embora os primeiros estudos sobre línguas de sinais tenham concentrado suas análises predominantemente nos parâmetros manuais, as pesquisas contemporâneas demonstram que os componentes não manuais desempenham funções essenciais na organização fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática e discursiva da língua. Dessa forma, as expressões faciais, os movimentos da cabeça, a direção do olhar, a postura corporal e as configurações específicas do tronco e dos ombros não podem ser compreendidos apenas como recursos expressivos ou emocionais, mas como elementos integrantes do sistema gramatical da Libras.

A importância das marcações não manuais tornou-se mais evidente a partir das pesquisas que buscaram compreender a complexidade das línguas de sinais em sua modalidade visuoespacial. Diferentemente das línguas orais, nas quais muitos aspectos prosódicos são produzidos por meio da entonação, intensidade vocal e ritmo da fala, a Libras realiza funções equivalentes por intermédio de recursos visuais e corporais. Assim, a expressão facial pode indicar modalidade interrogativa, negação, dúvida, intensidade, foco discursivo, topicalização e diversos outros significados gramaticais.

Valentim, Dizeu e Costa (2020) observam que as marcações não manuais representam um parâmetro fonológico fundamental da Libras, sendo responsáveis por importantes distinções linguísticas. Segundo as autoras, a produção de determinados sinais exige necessariamente a presença de expressões faciais específicas, sem as quais ocorre alteração ou perda do significado pretendido. Tal constatação demonstra que a gramática da Libras se organiza por meio da articulação simultânea entre componentes manuais e não manuais.

Nesse contexto, Felipe (2013) destaca que a análise das marcas não manuais exige uma compreensão ampliada da noção de linguagem, especialmente quando se trata da constituição dos enunciados verbo-visuais.

Está sendo ressaltada a diferença entre as expressões afetivas, comunicações paralinguísticas complementares em um enunciado, e as marcas verbo-visuais gramaticais, que são linguísticas por fazerem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo em uma determinada língua. Essas marcas serão descritas a partir da Língua Brasileira de Sinais - Libras (Felipe, 2013, p. 67).

A afirmação da autora evidencia que as marcas não manuais não constituem elementos externos à língua, mas componentes estruturantes do sistema linguístico. Tal compreensão rompe com abordagens tradicionais que interpretavam as expressões faciais apenas como manifestações emocionais ou recursos de teatralização da comunicação.

As funções gramaticais desempenhadas pelas marcações não manuais são amplamente diversificadas. Em estruturas interrogativas, por exemplo, o levantamento das sobrancelhas pode indicar perguntas do tipo sim/não, enquanto o franzimento das sobrancelhas frequentemente marca perguntas parciais. Em construções negativas, determinados movimentos de cabeça associados a expressões faciais específicas atuam como elementos obrigatórios para a adequada interpretação do enunciado.

Ferreira-Brito (1995 *apud* Valentim; Dizeu; Costa, 2020) destaca que as expressões faciais e corporais integram a gramática das línguas de sinais da mesma forma que a prosódia integra as línguas orais. Essa observação reforça a necessidade de compreender a Libras como sistema linguístico completo, cuja organização depende da interação simultânea entre diferentes modalidades de produção.

Outro aspecto fundamental refere-se à construção da intensidade semântica. A intensificação constitui processo presente em todas as línguas naturais e permite expressar diferentes graus de força, ênfase, completude ou confirmação. Na Libras, esse fenômeno ocorre por meio de modificações nos parâmetros manuais e não manuais.

Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020) demonstram que alterações no movimento, na duração dos sinais, na configuração das mãos e nas expressões faciais produzem efeitos semânticos relacionados à intensificação. Os autores argumentam que a intensidade não se restringe ao plano expressivo, mas integra a organização semântica da língua.

Dentre as diferentes formas coletadas desses predicados, focalizamos as produzidas com duas mãos, com movimento simultâneo e sem repetição, por serem interpretáveis como intensas. Precisamente, segundo o mesmo sinalizante surdo nativo, essas formas expressam noções de ênfase, esforço, confirmação e completude (Sanchez-Mendes; Segala; Xavier, 2020, p. 311).

A análise proposta pelos autores evidencia que a intensificação em Libras resulta da articulação entre recursos formais e semânticos. Em muitos casos, a duplicação de mãos, a ampliação do movimento ou determinadas expressões faciais produzem interpretações relacionadas à força argumentativa ou ao grau de envolvimento do enunciador.

Essa perspectiva aproxima-se da concepção defendida por Johnston e Schembri (2007 *apud* Xavier; Neves, 2016), segundo a qual diversas modificações observadas nas línguas de sinais devem ser compreendidas como processos gramaticais específicos, não sendo adequadamente explicadas por categorias tradicionais desenvolvidas para línguas orais.

A intensidade também está relacionada à construção pragmática do sentido. Dependendo do contexto discursivo, uma mesma configuração intensificada pode expressar surpresa, indignação, convicção ou confirmação enfática. Assim, a interpretação da intensidade depende simultaneamente da estrutura linguística e das condições concretas de enunciação.

Além disso, as marcações não manuais participam da construção da coesão textual e da organização argumentativa do discurso. Em narrativas sinalizadas, por exemplo, mudanças de expressão facial podem indicar alternância entre personagens, perspectivas distintas ou

deslocamentos temporais. Tais recursos contribuem para a progressão textual e para a construção da coerência discursiva.

Sob esse ponto de vista, as marcações não manuais revelam que a Libras não se organiza apenas por meio das mãos, mas pela integração entre corpo, espaço e linguagem. A análise linguística da língua exige, portanto, metodologias capazes de contemplar simultaneamente seus componentes visuais, espaciais e corporais.

O estudo do discurso em Libras constitui um campo de investigação que ultrapassa a descrição estrutural dos sinais, direcionando-se para a compreensão das práticas de linguagem produzidas pelas comunidades surdas em diferentes contextos sociais. Nessa perspectiva, a língua não é concebida apenas como sistema de regras, mas como atividade discursiva por meio da qual sujeitos produzem sentidos, constroem identidades, estabelecem relações sociais e participam de diferentes esferas da vida coletiva.

A teoria dialógica da linguagem, desenvolvida por Bakhtin e pelo Círculo, oferece importantes contribuições para a análise discursiva da Libras. Segundo essa perspectiva, toda produção linguística ocorre em situações concretas de interação social, sendo constituída por vozes, valores, posicionamentos ideológicos e relações dialógicas.

Bakhtin (2003 *apud* Nascimento, 2017) compreende os gêneros do discurso como formas relativamente estáveis de enunciados produzidos nas diversas esferas da atividade humana. Essa concepção permite analisar a Libras para além dos aspectos formais, considerando os diferentes gêneros discursivos que circulam nas comunidades surdas, como narrativas, palestras, aulas, vídeos acadêmicos, produções artísticas, debates políticos e interações cotidianas.

Felipe (2013) propõe que os enunciados em Libras sejam compreendidos como enunciados verbo-visuais. Tal perspectiva reconhece que os sentidos produzidos na língua resultam da articulação entre elementos linguísticos e visuais.

Este artigo tem como objetivo ampliar as discussões sobre enunciados verbo-visuais, refletindo pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin que podem reforçar a argumentação de que, em enunciados de línguas de modalidade gestual visual, transparecem valores plástico-picturais e espaciais dos signos através também das Marcas não Manuais (MNMs) (Felipe, 2013, p. 67).

A noção de verbo-visualidade é particularmente relevante para a Libras porque a visualidade não constitui recurso complementar ao discurso, mas condição fundamental para sua existência. Diferentemente das línguas orais, em que a visualidade pode assumir papel secundário, na Libras ela integra diretamente a constituição dos significados.

Nesse contexto, o espaço de sinalização desempenha papel central na construção dos enunciados. Os referentes podem ser posicionados em locais específicos e posteriormente retomados por apontamentos, classificadores e movimentos corporais. Reis e Bidarra (2019)

observam que os processos referenciais em Libras dependem de mecanismos específicos de espacialização, permitindo a construção de cadeias referenciais complexas.

Ferreira-Brito (1995 *apud* Reis; Bidarra, 2019) destaca que os apontamentos utilizados em Libras podem desempenhar simultaneamente funções dêiticas e anafóricas. Assim, o espaço deixa de ser apenas cenário da comunicação para tornar-se componente efetivo da gramática e do discurso.

A análise das práticas discursivas em Libras também envolve a compreensão dos processos de tradução e interpretação. Nascimento (2017) argumenta que a acessibilidade linguística em materiais audiovisuais exige a consideração das especificidades discursivas dos gêneros envolvidos.

Faz-se necessário discutir as especificidades enunciativo-discursivas do vídeo fonte para dar à janela de Libras a dimensão de acabamento (tamanho, recorte, posição) a partir das especificidades do gênero. Para comprovar esta tese, analisa-se produções de dois gêneros com janela de Libras (Nascimento, 2017, p. 461).

A observação do autor demonstra que a produção discursiva em Libras não pode ser reduzida à tradução literal de conteúdo. Cada gênero discursivo mobiliza recursos específicos de composição, estilo e organização temática, exigindo estratégias próprias de construção de sentidos.

A verbo-visualidade também se manifesta em contextos artísticos e culturais. Fomin (2018) analisa a interpretação teatral em Libras e demonstra que os elementos visuais do espetáculo interferem diretamente na construção do discurso interpretado. Nesse caso, o intérprete não traduz apenas palavras, mas recria visualmente relações semânticas, estéticas e discursivas presentes na obra.

A multimodalidade constitui outro aspecto relevante para a compreensão das práticas discursivas em Libras. Cinti e Rodrigues-Pereira (2021) observam que a produção de sentidos ocorre frequentemente por meio da articulação entre diferentes modos semióticos, incluindo imagens, vídeos, legendas, sinalização e recursos gráficos.

Kress e Van Leeuwen (2001 *apud* Cinti; Rodrigues-Pereira, 2021) defendem que os significados são produzidos pela interação entre diferentes sistemas semióticos. Aplicada à Libras, essa perspectiva evidencia que a comunicação sinalizada frequentemente mobiliza recursos multimodais capazes de ampliar a expressividade e a complexidade dos enunciados.

Assim, o discurso em Libras caracteriza-se pela integração entre linguagem, corpo, espaço e visualidade. A enunciação ocorre por meio de práticas sociais concretas que mobilizam recursos linguísticos, discursivos, culturais e multimodais. A compreensão dessas práticas permite reconhecer a Libras como língua plenamente capaz de produzir conhecimento, cultura, ciência e participação social, reafirmando seu papel central na constituição das identidades e experiências das comunidades surdas.

Conclusão

A análise linguística da Língua Brasileira de Sinais (Libras) evidencia a complexidade estrutural e funcional de uma língua natural organizada a partir da modalidade visuoespacial. Os estudos discutidos ao longo deste trabalho demonstram que a Libras possui sistema gramatical próprio, constituído por parâmetros fonológicos, processos morfológicos, mecanismos sintáticos, recursos semânticos e estratégias discursivas que permitem a construção de significados de forma autônoma em relação às línguas orais-auditivas.

A investigação da Libras como língua visuoespacial permitiu compreender que sua gramática se estrutura por meio da articulação entre elementos manuais e não manuais. Configuração de mão, movimento, orientação da palma, localização e expressões faciais constituem componentes fundamentais para a produção dos sinais e para a organização dos enunciados. Nesse contexto, as marcações não manuais assumem papel central na construção gramatical do sentido, participando da expressão de categorias como negação, interrogação, intensidade, modalidade e foco discursivo.

No campo da morfologia, verificou-se que a Libras apresenta mecanismos produtivos de formação e transformação lexical, incluindo processos de composição, incorporação, modificação de sinais, criação terminológica e redução vocabular. Tais fenômenos demonstram que a língua possui recursos próprios para expandir seu léxico e responder às demandas comunicativas, educacionais, científicas e culturais das comunidades surdas. A produtividade morfológica da Libras confirma sua condição de língua viva, dinâmica e historicamente situada.

A análise das marcações não manuais e dos processos de intensificação revelou que a construção dos significados na Libras ocorre por meio da integração entre aspectos formais, semânticos e pragmáticos. As expressões faciais e corporais não desempenham apenas funções afetivas, mas integram a arquitetura linguística da língua, contribuindo diretamente para a interpretação dos enunciados. Da mesma forma, os recursos de intensificação demonstram que alterações nos parâmetros linguísticos podem produzir diferentes efeitos de sentido relacionados à ênfase, à confirmação, à completude e ao envolvimento enunciativo.

No âmbito discursivo, a perspectiva verbo-visual permitiu compreender que a Libras se constitui como prática social de linguagem, na qual corpo, espaço, movimento e visualidade participam ativamente da produção dos sentidos. Os enunciados em Libras não se restringem à sequência de sinais, mas envolvem processos complexos de referenciação, espacialização, construção de personagens, alternância de perspectivas e organização dos gêneros discursivos. A teoria dialógica da linguagem contribui para evidenciar que os significados são produzidos nas relações sociais e nas diferentes esferas de interação das comunidades surdas.

Além disso, a multimodalidade mostrou-se elemento indispensável para a compreensão das práticas comunicativas contemporâneas em Libras. A circulação de vídeos, materiais didáticos digitais, janelas de Libras, dicionários multimodais e produções acadêmicas sinalizadas amplia as possibilidades de uso da língua e fortalece sua presença nos espaços educacionais, culturais e tecnológicos. Nesse cenário, a Libras assume papel fundamental na promoção da acessibilidade linguística e na garantia dos direitos linguísticos da população surda.

Conclui-se, portanto, que a Libras deve ser compreendida como sistema linguístico completo, dotado de recursos gramaticais, discursivos e multimodais próprios. A análise de seus mecanismos internos evidencia não apenas sua complexidade estrutural, mas também sua relevância social, cultural e educacional. O aprofundamento das pesquisas em Linguística da Libras torna-se fundamental para o fortalecimento da educação bilíngue de surdos, para a formação de profissionais qualificados e para a ampliação do conhecimento científico sobre as línguas de sinais. Dessa forma, o reconhecimento da Libras como objeto legítimo de investigação linguística contribui para a valorização das identidades surdas e para a construção de uma sociedade mais inclusiva, acessível e linguisticamente plural.

Referências

- ALVES, Delmir Rildo; RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. A redução vocabular como processo de criação lexical: uma análise do fenômeno na Libras. **Signótica**, Goiânia, v. 33, e64464, 2021. DOI: 10.5216/SIG.V32.64464.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 28, 23 dez. 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 23, 25 abr. 2002.
- CINTI, Cíntia Débora de Moraes; RODRIGUES-PEREIRA, Renato. A multimodalidade em dicionários de Libras: reflexões teóricas e aplicadas. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 7, e0704, 2021/2022. DOI: 10.14393/Lex-v7a2021/22-4.
- FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais — Libras. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67-89, jul./dez. 2013.
- FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD — Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FOMIN, Carolina. Verbo-visualidade e seus efeitos na interpretação em Libras no teatro.

Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 142-164, set./dez. 2018. DOI: 10.1590/2176-457335806.

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. **Australian Sign Language (Auslan): an introduction to sign language linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

NASCIMENTO, Vinícius. Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 461-492, maio/ago. 2017. DOI: 10.1590/010318138649203273941.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIS, Leidiani da Silva; BIDARRA, Jorge. Elementos referenciais na Libras: uma análise realizada a partir de anáforas diretas em Língua Portuguesa. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 20, n. 48, p. 212-230, 2019. DOI: 10.5935/1981-4755.20190042.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TAVEIRA, Cristiane Correia. Proposta de uma gramática visual para descrição e análise composicional de vídeos digitais em línguas de sinais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 25, n. 3, p. 355-372, jul./set. 2019. DOI: 10.1590/s1413-65382519000300001.

SANCHEZ-MENDES, Luciana; SEGALA, Rimar Ramalho; XAVIER, André Nogueira. Descrição e análise semânticas da intensidade em Libras. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 311-331, set./dez. 2020. DOI: 10.31513/linguistica.2020.v16n3a37455.

SILVA, Lídia da. A aquisição de classificadores semânticos por ouvintes aprendizes de Libras como L2M2. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 1-29, 2023. DOI: 10.1590/1678-460X202339454281.

VALENTIM, Ana Clara Pereira; DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; COSTA, Priscila Rufino da Silva. Marcações não manuais na Língua Brasileira de Sinais utilizada em Maceió: delineamentos de uma comunidade de prática. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 1-26, 2020. DOI: 10.1590/1678-460X2020360401.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 130-151, jul./dez. 2016.